

3

O trabalho de campo: uma etnografia sobre o namoro

“... se a Antropologia Social tem algo a ensinar, esse algo é precisamente isso: que o homem, afinal, pode aprender, e mais, que o intelecto e a ordenação do mundo são a grande arma de todos os homens em todos os tempos. ... Em outras palavras, o próprio intelecto nos fará enxergar nossa humanidade no <<outro>>; e o <<outro>> dentro de nós mesmos”

(Roberto DaMatta)¹

Neste capítulo pretendemos fazer um breve relato sobre a experiência de campo e sobre a natureza de nossa pesquisa, além de expor nossas escolhas metodológicas para a realização das entrevistas e análise dos dados coletados. O caráter desta narrativa será substancialmente mais pessoal do que o do resto do texto, tendo como propósito um movimento duplo, interno e externo: o primeiro busca tornar mais claro para o próprio pesquisador o conjunto de fatores que concorreram para que a pesquisa se conduzisse de uma forma e não de outra, e para isso contribuem as escolhas das bases teóricas que alimentaram os questionamentos, as idiossincrasias de pesquisador e informantes, talvez a condição de gênero da pesquisadora, os contextos em que foram realizadas as entrevistas, o método selecionado, as perguntas formuladas, o grupo que foi convidado a falar de suas experiências (e todo o cenário sócio-cultural que o engloba), enfim; o segundo movimento, que assume um caráter autônomo em relação a esse contexto mais particular da relação entre o pesquisador e a pesquisa, pretende pontuar mais objetivamente os aspectos relacionados ao plano de contextualização da pesquisa.

¹ *Relativizando: uma introdução à antropologia social* (Rio de Janeiro: Rocco, 1987).

3.1.

O exercício antropológico

Como diz Roberto DaMatta: “...vestir a capa do etnólogo é aprender a realizar uma dupla tarefa que pode ser grosseiramente contida nas seguintes fórmulas: (a) *transformar o exótico no familiar e/ou* (b) *transformar o familiar em exótico*” (DAMATTA, 1987, p. 157). Interessa a nossa pesquisa o segundo exercício, já que o universo social pesquisado é o mesmo em que a pesquisadora teve sua experiência socializadora, de onde absorveu todo um conjunto de crenças e valores, regras e normas: as camadas médias da cidade do Rio de Janeiro². Mais à frente em seu texto, DaMatta descreve em que consistiria essa experiência:

“A segunda transformação parece corresponder ao momento presente, quando a disciplina (antropológica) se volta para a nossa própria sociedade, num movimento semelhante a um auto-exorcismo, pois já não se trata mais de depositar no selvagem africano ou melanésio o mundo de práticas primitivas que se deseja objetificar e inventariar, mas de descobri-las em nós, nas nossas instituições, na nossa prática política e religiosa. O problema é, então, o de tirar a capa de membro de uma classe e de um grupo social específico para poder – como etnólogo – estranhar alguma regra social familiar e assim descobrir (ou recolocar, como fazem as crianças quando perguntam os <<porquês>>) o exótico no que está petrificado dentro de nós pela reificação e pelos mecanismos de legitimação” (DAMATTA, 1987, p. 157-158).

O autor completa, dizendo que essa transformação, que ora nos cabe, é como uma viagem de um xamã, a qual implica num movimento drástico, sem que, paradoxalmente, se saia do lugar. E por mais que se saiba que esse movimento não pode ser nunca realizado de forma plena, porque não há como descristalizar os padrões sócio-culturais que enraizamos, acreditamos que essa idéia possa nos ajudar a ter o mínimo de distanciamento necessário para que nossas impressões e análises tenham algum valor enquanto ciência³. Esse exercício também nos

² Mesmo havendo divergências entre os pesquisadores a respeito da necessidade desse exercício, já que a própria abstração, levada a níveis crescentes, resolveria o problema da proximidade em relação ao objeto, considero que refletir em torno desse movimento intelectual pode ser uma ferramenta útil de trabalho. Trata-se de procurar assumir uma posição, mesmo que não absoluta, de neutralidade em relação ao que é tão conhecido, e que pode ter sido naturalizado.

³ Gilberto Velho critica essa passagem da obra de DaMatta, afirmando que o que vemos e encontramos pode ser familiar, mas não necessariamente conhecido, enquanto o que não vemos e encontramos pode ser exótico, mas conhecido. DaMatta responde que não tencionou dizer que o

aproxima de uma outra categoria antropológica que nos propõe um esforço talvez maior, mas de grande importância em qualquer trabalho desta natureza: a relativização. É a prática enunciada na segunda frase da epígrafe que abre o capítulo: “*o próprio intelecto nos fará enxergar nossa humanidade no <<outro>>; e o <<outro>> dentro de nós mesmos*” (DAMATTA, 1987, p. 14). A prática da relativização é também essencial ao nosso empreendimento intelectual. Afinal, essa idéia nos faz perceber que os valores e crenças se devem muito mais a uma questão de posição do que de “verdade”, e que compreender o outro a partir de seus próprios valores e não através dos nossos pode ser uma ferramenta não apenas de trabalho, mas de vida.

A relação de proximidade entre o pesquisador e o objeto de seu estudo torna-se ainda mais delicada quando a pesquisa envolve a tematização da subjetividade. Luiz Eduardo Soares (1996) aponta a problemática relação entre as ciências sociais e a subjetividade e alerta para as possibilidades de contágio, simbiose e dissolução mútua das identidades. Segundo o autor, a despeito de sua leveza semântica, a palavra subjetividade torna-se pesada por não ser admitida, recorrentemente, como uma categoria científica. Sua capacidade de se expressar singularmente em cada caso, pode levar a pesquisa à parcialidade e ao equívoco. Por essas razões, procuramos ter um cuidado e uma atenção maiores com o estudo que realizamos, que está ancorado em percepções subjetivas. A proximidade entre a pesquisadora, que poderia ser tranquilamente enquadrada entre o grupo pesquisado, e os objetos da pesquisa, que fazem parte de seu contexto atual de vida, exige um cuidado redobrado com essas questões pontuadas acima.

Outro dado que nos parece relevante apontar na prática do exercício sócio-antropológico, é a trajetória ou história da pesquisa, que mostra Heilborn: “... não é tão linear quanto o que nos é dado conhecer” (HEILBORN, 2004, p. 72). Quando se lê um trabalho de pesquisa já finalizado, não se tem idéia de todo o processo que o envolveu. Ao longo desse processo, entre os primeiros questionamentos e inquietações intelectuais, até o trajeto final rumo às conclusões, existe um caminho geralmente longo, e quase sempre árduo de dúvidas, obstáculos; um trabalho contínuo de ensaio e erro até que possamos ter

que é familiar é necessariamente conhecido, próximo e íntimo, assim como também não propôs que o exótico seja obrigatoriamente desconhecido. No caso particular de nossa pesquisa, o familiar é tanto conhecido como próximo e íntimo, o que dificulta ainda mais o distanciamento.

alguma segurança para expor nossas conclusões. Quando nos deparamos com um conjunto extenso de dados de pesquisa, que pode gerar combinações diversas, nos vemos, muitas vezes, tomados pela angústia de estarmos talvez manipulando esses dados de acordo com nossas hipóteses iniciais, ou o que é ainda pior, com as nossas crenças pessoais de indivíduos comuns e não de cientistas sociais. Mas há também o momento em que percebemos que as dificuldades não são somente nossas, e, então, deixamos de nos sentir tão solitários. O passo seguinte é o da superação, mesmo que não completa, dessas incertezas, já que o trabalho não pode parar, e tem que chegar, por fim, a um resultado satisfatório.

O problema, em nosso caso, de trabalhar com camadas médias, pode ser duplo. Em primeiro lugar, pela própria indefinição do que seriam esses setores médios. Como afirma Heilborn, estes são definidos por exclusão, por aquilo que não são, por se situarem nos interstícios. A expressão é carregada de ambigüidade e, constantemente é associada ao conceito de burguesia, o qual parece ser muito estreito e muito abrangente para caracterizar as classes médias. Isso sem contar com as diversas noções que o senso comum lhe confere, algumas bastante negativas. Em segundo lugar, como já falamos anteriormente, há o problema de o pesquisador pertencer a esse segmento da sociedade, o que pode gerar dificuldades. Se por um lado é mais fácil ter acesso aos informantes, indicados por pessoas da rede de relações pessoais do pesquisador, por outro, há a chance de que ocorram inúmeras interferências internas e externas em relação aos depoimentos, devido à proximidade entre quem colhe e quem fornece os dados. Não raramente, também, surgem desvios nas falas dos informantes, em função do julgamento que acreditam que o pesquisador e, mesmo outras pessoas dessa rede de relações podem fazer daquilo que estão expondo.

Outro ponto relevante a ser considerado, quando se trabalha com um segmento de classe, e para o qual Heilborn chama atenção, é o cuidado que se deve ter em não minimizar outras variáveis que não sejam pontos de vista de classe. De fato algumas colocações podem ser reconhecidas, com segurança, como atributos de classe social, mas isso não acontece sempre. Nas palavras da autora: “Frequentemente os dados sociológicos de similaridade de inserção social passam a autorizar a postulação de uma identidade moral compartilhada” (Heilborn, 2004, p. 73-74).

Devemos refletir também sobre o fato de que os dados obtidos em nossa pesquisa foram produzidos por entrevistas, ou melhor, pela fala de indivíduos, o que nos municiou de um acervo de idéias sobre valores referentes a maneiras de se relacionar amorosamente no cenário contemporâneo. Mas a forma como as entrevistas são conduzidas e interpretadas é absolutamente fundamental para o resultado final da pesquisa. Para nos auxiliar nessa tarefa, incorporamos parte da teoria de Claude Dubar (2004). O autor parte de uma sociologia das identidades ou de formas identitárias, e estuda o que há de repetição e permanência no relato biográfico ou entrevista biográfica do sujeito singular, sendo a biografia concebida como produção narrativa de si mesmo. Segundo o autor, o eu se define como um processo biográfico e não apenas como uma rede relacional. É produzido socialmente pela seqüência de acontecimentos e de experiências selecionadas pelo sujeito para contar a si mesmo e se definir. Ele se constrói, assim, narrativamente, por e na interação com o pesquisador. A entrevista deve, então, ser orientada por uma perspectiva teórica de tipo analítica, visando facilitar de todas as formas a expressão de um mundo e de um universo de crenças relativas a esse mundo. E é através da análise dos modos de categorização social e da argumentação de suas crenças materializadas no discurso, que o sociólogo pode reconstruir, por meio de esquematizações sucessivas, a trajetória subjetiva que se exprime no relato biográfico. O indivíduo se torna, assim, autor do relato de seus atos, apropriando-se deles e os recriando através da linguagem. Essa perspectiva de construção de si por meio da narrativa biográfica torna-se essencial para que possamos nos apropriar de maneira mais profunda e objetiva da fala dos indivíduos, extraindo dados mais contundentes da subjetividade de cada um para obter padrões sociais mais definidos, como resultado da pesquisa.

Assim, refletindo sobre as dificuldades, mas também sobre o encantamento do tipo de trabalho de pesquisa a que nos propomos, daremos os primeiros passos em direção à exploração de nosso objeto.

3.2.

A pesquisa

Participaram da pesquisa nove casais ou dezoito pessoas, com idades entre 20 e 35 anos. As entrevistas foram realizadas entre os meses de julho e novembro de 2008, com base em um questionário de treze perguntas, que sofreu naturalmente algumas modificações durante os encontros. Cada membro do par, por uma questão de escolha metodológica, foi entrevistado separadamente, geralmente em dias diferentes, embora, por vezes, nos mesmos locais. Alguns foram entrevistados em suas casas, outros em casa de amigos, e outros ainda em restaurantes e cafés em seus horários de almoço, ou após o trabalho. Houve um casal que foi entrevistado no local de trabalho da mulher. A escolha desses lugares foi feita pelos próprios informantes, para que a entrevista ocorresse no ambiente onde se sentissem mais confortáveis para falar de suas experiências amorosas⁴.

Tratando-se de uma etnografia sobre namoro, optamos por entrevistar casais de namorados, que pudessem falar de suas experiências amorosas específicas, e que ainda não tivessem vivenciado experiências matrimoniais ou de coabitação. Selecionamos casais com pelo menos um ano de relacionamento, à exceção de um que se formara há seis meses, e que, por isso, teriam provavelmente um grau reflexivo maior em relação a sua parceria amorosa do que entre pessoas unidas recentemente. Além disso, em casais com mais tempo de relacionamento, o acúmulo de experiências dentro da vivência amorosa, seria mais substantivo. Outro critério utilizado foi a opção por pessoas envolvidas de forma intensa com suas profissões ou estudos⁵. Escolhemos pessoas pertencentes aos setores médios da cidade do Rio de Janeiro, mas não nos concentramos em áreas específicas desta, tendo participado da pesquisa informantes da zona sul, zona norte, zona oeste e zona leste. Com relação à inserção profissional, o perfil

⁴ A garantia de privacidade mostrou-se um fator relevante para que os informantes assumissem uma postura de maior confiabilidade com relação às entrevistas e à pesquisa como um todo. Por ter se mostrado um ponto tão importante nos encontros com os informantes, e até para a seleção destes, a questão da privacidade, observada no decorrer do trabalho empírico, será abordada de forma mais objetiva ainda neste capítulo.

⁵ Esse critério teve como objetivo apoiar o teste de uma das hipóteses do trabalho. A hipótese se baseia na idéia de que o projeto profissional de cada indivíduo, em tempos de maior igualitarismo entre os gêneros, é tão importante quanto o do relacionamento amoroso, muitas vezes tendo o último que se submeter às exigências do primeiro.

dos entrevistados também foi bastante diversificado.

As indicações partiram da rede de relações pessoais da pesquisadora, o que permitiu que o contato com os informantes se estendesse para além das entrevistas. Isso foi importante para que eu me informasse a respeito de experiências amorosas anteriores dos entrevistados, bem como soubesse de situações ocorridas entre o casal em função das respostas dadas durante a pesquisa. Alguns casais, com quem eu tive contato posterior, conversaram sobre a entrevista entre si, e trocaram informações a respeito das respostas dadas por cada um. Por algumas vezes, antes que eu começasse a conversa, os informantes, principalmente mulheres, comentaram comigo que tinham curiosidade de saber o que o parceiro falaria. Houve um caso em que uma mulher me pediu que ligasse para ela para dizer como tinha sido a entrevista do namorado. Ocorreu também uma situação em que uma outra mulher afirmou não querer saber de maneira nenhuma o que o parceiro havia dito, e quando eu disse que ela poderia ver o resultado final do trabalho, lendo a dissertação, ela não se mostrou interessada.

Observei, ao longo das conversas, e desde o primeiro contato, um enorme interesse, desprendimento, e vontade de colaboração por parte das pessoas que entrevistei. A primeira entrevista que realizei foi com uma mulher, que além de se mostrar empolgada com todo o projeto de pesquisa, me deu sugestões após ter respondido às perguntas. Depois de me dizer que no início da conversa havia ficado um pouco constrangida, pelo fato de não saber exatamente quais questões seriam abordadas, em se tratando de temas pessoais, me sugeriu que mudasse a ordem de uma das perguntas para que os entrevistados se desinibissem mais facilmente. Concordando com ela, acatei sua sugestão, que realmente provou-se eficaz ao longo das entrevistas. A mesma informante, com quem tive contato por várias vezes após a nossa conversa, demonstrou grande interesse em relação aos resultados, opinando sempre. Outros informantes ficaram também curiosos para saber das conclusões finais do trabalho. Um dos casais, em particular, mostrou-se muito feliz em participar da pesquisa, e me agradeceu por ter sido chamado a fazer parte dela.

3.2.1.

A questão da privacidade

Uma questão que surgiu desde o início do trabalho de campo foi a da privacidade, como mencionei anteriormente. Desde que comecei a buscar casais que pudessem corresponder aos critérios da pesquisa, deparei-me com uma grande dificuldade em encontrar pares que aceitassem serem entrevistados. A justificativa normalmente referia-se ao fato de as pessoas se mostrarem desconfortáveis em falar de seus relacionamentos amorosos, de sentimentos e valores mais íntimos. E isso ocorreu tanto com homens quanto com mulheres. Somente foi possível conseguir a aquiescência das pessoas para a realização das entrevistas através da garantia de que seus nomes não seriam usados no trabalho, e de que a pesquisa não era direcionada para o entendimento de uma relação amorosa específica, mas para discussão em torno de um conjunto de valores debatido pelo grupo como um todo.

Quando iniciei o trabalho e comecei a entrevistar os primeiros casais, novamente essa questão apareceu de forma clara. Os informantes mostravam-se até certo ponto inibidos, sendo que alguns respondiam às perguntas de forma bem sintética, ansiosos para passar à pergunta seguinte. Isso me levou a ter de propor outros questionamentos que permitissem reflexões mais aprofundadas. Em alguns casos, contudo, encontrei sérias dificuldades em fazer com que o discurso se estendesse. Apesar disso, não percebi falta de sinceridade por parte das pessoas, pelo contrário, a narrativa geralmente era enfática quanto aos pontos defendidos.

Foi a partir das conversas que sucediam as entrevistas que comecei a entender as razões daquela dificuldade. Em geral era a esta altura do encontro que as pessoas se diziam curiosas ou receosas em relação às respostas de seus parceiros, mas nunca indiferentes. Pouco a pouco, pude perceber que o fato de a entrevista ser com casais e não com indivíduos isolados era um fator que gerava expectativas, ansiedade e até mesmo conflito. De certa forma, eu teria acesso a informações sobre o parceiro que talvez os próprios informantes não tivessem. Aliás, havia duas situações que se repetiam: a curiosidade e o interesse em relação às respostas do outro membro do casal; o questionamento por parte dos

entrevistados sobre se o parceiro teria acesso as suas respostas. Havia uma espécie de combinação entre busca por privacidade e por preservação da relação e curiosidade por conhecer o pensamento do outro. É preciso dizer que a curiosidade maior partiu das mulheres, e que a preocupação com a revelação de certos pontos de vista seus ao parceiro, partiu dos homens.

Procurando refletir sobre essas questões, questionei-me sobre se o fato de eu pertencer à mesma geração que os informantes, ou de eles estarem ligados a pessoas da minha rede de relações, teve alguma influência em seu comportamento mais reservado. Acredito que esses fatores contribuíram até certo ponto para que esse padrão se estabelecesse. Afinal, tanto a questão geracional, quanto a dos laços sociais, implicam em maior proximidade, o que no caso de entrevistas sobre temas considerados pela esfera sócio-cultural como íntimos, pode gerar inibição. A situação não era a de uma conversa de amigos em que essa proximidade é sempre bem vinda, principalmente sobre tais temas, mas de uma entrevista para uma pesquisa, que deveria resultar numa dissertação. O fato de estarmos situados em universos tão próximos, parecia produzir nos entrevistados uma idéia de que talvez eu pudesse estranhar ou julgar suas falas. Isso ficou claro em algumas respostas, que eram sucedidas por explicações do tipo: “eu sei que não é assim que as pessoas pensam”, ou “existe uma diferença entre o que eu penso e o que faço”. Essa proximidade parecia de certa forma estar em contradição com a situação de uma entrevista, que geralmente implica em distanciamento, imparcialidade.

3.2.2.

Os casais

Neste tópico farei uma breve apresentação dos casais que entrevistei, e de alguns pontos mais gerais de seus perfis sócio-profissionais. Com isso, pretendo familiarizar o leitor com o universo de vida das pessoas que participaram da pesquisa, permitindo uma maior compreensão de questões que serão discutidas em capítulos posteriores.

Luiza, 26 anos e Marcelo, 26 anos compõem o primeiro casal que

entrevistei. Luiza mora no Leblon com sua mãe, irmã e irmão e é graduada em odontologia. Atualmente trabalha em um consultório do bairro, e cursa uma especialização na mesma área. Marcelo reside em Jacarepaguá com seus pais e sua irmã, também é graduado em odontologia, e faz residência em um hospital. O investimento na formação profissional foi apontado por ele como fundamental para o seu progresso pessoal, e também para a concretização dos planos futuros de casamento com Luiza. O casal que na época da entrevista namorava há cinco anos já está em fase de planejamento de casamento. Os dois tiveram alguns relacionamentos anteriores, mas nenhum, segundo eles, que tivesse o mesmo peso que o atual.

Com uma expressiva diferença etária – sendo o homem seis anos mais jovem que a mulher – o segundo casal entrevistado é formado por Clarice, 35 anos e Pedro, 29 anos. Clarice divide apartamento com um primo na Tijuca, e é professora de inglês e tradutora. A profissão foi apontada por ela como fundamental para que a mulher seja independente e valorizada, e para que a própria relação amorosa dependa apenas da vontade e do sentimento dos parceiros, e não de fatores materiais. Pedro também vive sozinho no bairro da Tijuca, e é historiador. Sua profissão foi escolhida, segundo define, por “paixão total”. Como se a História, metaforiza, fosse “uma mulher” para ele. O investimento tanto na carreira quanto no estudo foi considerado fundamental por ambos. O casal, na época da entrevista, namorava há seis meses e ainda não tinha planos para além do namoro. Os dois namoraram outras pessoas, e mencionaram algumas de suas dificuldades. Pedro considera que seus relacionamentos anteriores foram muito conturbados, com conflitos de visões e valores e, por isso, não deram certo. Clarice afirma que a parte sentimental de sua vida sempre foi mais complicada por ela ser considerada excessivamente romântica.

Priscila, 24 anos e Gustavo, 27, namoravam há um ano e meio quando eu os entrevistei. Ela é assessora de imprensa de um shopping center da zona sul do Rio de Janeiro e mora em Copacabana, com a mãe e a irmã. Ele é fisioterapeuta, trabalha como autônomo, e reside em Botafogo, também com a mãe e a irmã. O casal tem planos de casamento e investe intensamente na parte profissional. Ela considera a carreira fundamental para a sua realização pessoal, e o estudo como um suporte necessário à formação profissional. Gustavo aponta o investimento na

profissão, nos estudos e no desenvolvimento intelectual como objetivos primordiais de sua vida. Os dois relacionam a profissão às conquistas materiais que proporcionarão as condições adequadas para a união futura de casamento.

Paula tem 27 anos e mora no Leblon com os pais. André, que tem 33 anos, mora em Jacarepaguá também com os pais. Embora residam com a família, são independentes financeiramente. Ambos são produtores musicais e trabalham com cantores famosos. Costumam fazer muitas viagens profissionais, e afirmam que o fato de atuarem na mesma área contribui para que a relação amorosa seja bem sucedida, já que seus horários e rotinas fogem ao convencional. Os dois mostraram-se apaixonados pela carreira, embora tenham ressaltado que ela implica, constantemente, em um grande desgaste físico. O casal, que está junto há três anos, enfatiza a importância de ter objetivos comuns, mas não necessariamente planos para o bem estar do relacionamento amoroso.

Letícia, 29 anos e Ricardo, 35, formam o quinto casal entrevistado. Eles moram respectivamente na Gávea e em Ipanema, sendo que ela com os pais, e ele sozinho. Ela é farmacêutica e costuma investir na carreira e na formação profissional, principalmente através de estudos referentes à pesquisa oncológica. Atualmente, trabalha em um laboratório do bairro de São Cristóvão. Ricardo é empresário, dono de um restaurante no bairro de Santa Tereza. Sua atividade profissional é o que, segundo ele, lhe proporciona tanto sustento financeiro, quanto a possibilidade de planejar o casamento e a formação de uma família com Letícia. O casal, que namora há dois anos, tem vários planos em comum como o casamento, a compra conjunta de um apartamento e, posteriormente, o nascimento dos filhos.

Sabrina de 26 anos e Eduardo de 24 compõem outro casal em que a mulher é mais velha que o homem. Ela mora na Barra da Tijuca, com uma irmã, e é atriz. Eduardo mora no Jardim Botânico, e é fotógrafo de cinema. Os dois destacaram a importância que suas carreiras têm para suas vidas, tanto pelo fato de fazerem aquilo que gostam, como pelas contingências de suas profissões. Em função das áreas às quais estão ligados, têm de ter sempre disponibilidade para as oportunidades que surgem. Sabrina afirmou que é preciso, como atriz iniciante, estar presente a eventos culturais e sociais, pois é nesses espaços que costumam surgir os convites de trabalho. Eduardo, por outro lado, chamou atenção para

importância de estabelecer contatos e de não recusar trabalhos para que se possa progredir nesse mercado. Por essa razão, o casal, que namora há dois anos, costuma priorizar a profissão em detrimento da relação amorosa, embora afirme que isso se deva mais a uma conjuntura de vida do que a um ideal.

Patrícia de 21 anos é designer, e trabalha como estagiária num escritório de design no bairro do Flamengo. Tiago tem 22 anos, é analista de sistemas, e trabalha numa empresa de computação na Barra da Tijuca. Ela mora no Grajaú com a mãe e a irmã, e ele mora na Vila da Penha com o avô. Os dois dedicam a maior parte de seu tempo à conclusão da faculdade e ao trabalho. Patrícia afirma fazer o que gosta e já está no seu terceiro estágio. Tiago associa a carreira ao bem estar material e à possibilidade futura de um casamento e de constituição de uma família. O investimento na profissão é prioridade no momento atual de vida dos dois, principalmente para a garantia de independência financeira em relação à família. Patrícia e Tiago, que se conheceram no período em que cursavam o colégio, namoram há cinco anos e têm planos, embora não imediatos, de casamento.

O oitavo casal que participou da pesquisa é composto por Júlia, 20 anos e Márcio de 26 anos. Júlia, que mora no Leblon com sua mãe e seu padrasto, é estagiária de um escritório de advocacia do centro da cidade do Rio de Janeiro, e investe intensamente em sua futura profissão, tendo começado a estagiar desde o terceiro período da faculdade. Ela associa a carreira à realização pessoal, e a uma questão de independência, conforto financeiro e manutenção do padrão de vida que sua mãe e seu padrasto oferecem a ela. Márcio também reside no Leblon, e embora diga que tenha demorado a valorizar a carreira e o estudo, atualmente, os tem como pontos importantes num plano de vida. Os dois costumam fazer cursos juntos e sua parceria se estende ao trabalho. O casal está junto há quatro anos, e tem planos de casamento, mas pretende concretizá-lo somente após a conquista de estabilidade profissional e financeira.

Melissa, de 23 anos, moradora de Água Santa, é estagiária num escritório de advocacia do centro do Rio. Ela namora, há três anos, Sandro, de 24 anos, que reside na Praça Seca, e é analista de sistemas de uma empresa de computação, também do centro da cidade. Melissa aponta o estudo e a carreira como eixos prioritários em sua vida, tanto por gosto pessoal, quanto por exigência da

profissão que escolheu. Para Sandro, a atualização profissional e o processo de formação que deve ser permanente em sua área, o levam a dedicar grandes esforços em direção ao seu desenvolvimento profissional. O casal namora há três anos e mencionou a intenção de se casar, embora no momento os dois estejam mais voltados para suas carreiras.

3.2.3.

O encontro amoroso

O contexto que envolveu o encontro amoroso dos casais que entrevistei foi bastante diversificado. Alguns se conheceram saindo à noite em grupo, outros em seu colégio, faculdade, em bloco de carnaval, e até num ambiente que costuma ser mais reservado como uma igreja. As práticas que sucederam o primeiro encontro também variaram. Apresentaremos alguns exemplos desse quadro que encontramos em nossa pesquisa, com o propósito de mostrar situações interessantes em que o primeiro encontro do casal aconteceu:

“Eu a conheci em um lançamento de livro, no começo do ano. Lançamento de livro de um conhecido meu. Foi bem inusitado, porque não fui lá com a intenção de conhecer alguém e aconteceu naturalmente. Foi bem tranquilo, foi até engraçado a minha mãe estava junto... A gente se conheceu ao mesmo tempo. A minha mãe a conheceu, conheceu um amigo dela que também estava por lá, foi bem legal. Ficamos lá mais tempo porque caiu uma chuva enorme nesse dia, e a gente ficou ilhado na hora de sair. Como tinha um restaurante, ficamos conversando e comendo. Aí, facilitou para a gente começar a se relacionar. Foi bem assim mesmo, bem naturalmente”. (Pedro)

Pedro ressalta nesse trecho de sua entrevista, que apesar de não esperar “conhecer alguém” no lançamento do livro, isso ocorreu de forma natural. A sociabilidade produzida num evento como esse, é passível de criar condições para que se estabeleça uma relação de namoro posterior, embora esse contexto não seja diretamente relacionado à busca de um parceiro amoroso. A relação que se formou inicialmente tinha as características de uma amizade, mas resultou no

namoro⁶. A presença da mãe de Pedro não foi um fator de inibição para a aproximação do casal, em função da maneira como essa aproximação foi conduzida: espontânea e não intencionalmente e com a interação das quatro pessoas através da conversa e de uma refeição compartilhada. Com um outro casal, o encontro se orientou por um contexto e por uma forma de aproximação diferente:

“Num bloco de carnaval (risos). Eu sempre gostei de carnaval, sempre curti, e ele não. Ele foi porque tinha vindo de um jogo de futebol, e aí um amigo dele o puxou para o bloco. Eu reparei nele. O amigo dele ‘ficou’ com uma garota logo no começo do bloco, e ele ficou sozinho, carregando duas bicicletas. Eu estava com um grupo super animado, a gente estava brincando de roda e puxamos o Gustavo e o Fábio para brincarem com a gente. Lá pelas tantas, eu comecei a ficar ‘de olho nele’, ofereci água, ‘dei mole’ direto, e ele é lento, demorou uma meia hora para perceber que e não estava só oferecendo água. Aí a gente ‘ficou’. Ele demorou um tempo, uns dez dias para me ligar. Eu já tinha esquecido, né? Mas quando ele me ligou a gente começou a sair e já começamos a namorar”.
(Priscila)

O primeiro contato do casal Priscila e Gustavo aconteceu numa festa de rua de carnaval, em um contexto bastante favorável para um enlace imediato, porém fugaz. O carnaval, ritual que permite o rompimento momentâneo de certos padrões sociais, além da inversão ou experimentação de papéis, que não os vividos cotidianamente, possui uma forte conotação erótica em nossa sociedade (DAMATTA, 1997). Além da exposição corporal das pessoas, que se costuma observar durante o período, acentuadamente maior do que fora deste, o enlace de pares no carnaval tem normalmente uma natureza intensa, mas efêmera, traduzida pela expressão popular: “amor de carnaval”. No caso do encontro do casal que entrevistei, Gustavo despertou o interesse de Priscila fortuitamente, tendo ela, então realizado o movimento de aproximação. Essa aproximação resultou, no primeiro momento, em um encontro breve, representado por uma forma específica

⁶ Esse caso nos parece importante porque mostra uma relação amorosa que começou por meio de um encontro casual de um grupo, que interage entre si através da conversa. Esse encontro apresenta características semelhantes à aproximação inicial que resulta em amizade. Como uma das hipóteses de nosso trabalho refere-se à verificação da presença da amizade, enquanto modelo, no interior da relação amorosa, há aqui um indicador de que a aproximação inicial dessas duas formas de relação pode ocorrer de maneira bastante similar.

de prática erótica muito difundida entre os jovens, e expressa pelo termo “ficar”⁷. Alguns dias após o encontro na festa de carnaval, Gustavo resolve fazer contato por telefone com Priscila para que eles se encontrem uma segunda vez. Ela enfatiza, no trecho da entrevista citado, que ele demorou muito para procurá-la. É interessante observar que Priscila, durante o carnaval, tomou a iniciativa da aproximação, mas após esse primeiro contato, esperou que Gustavo fizesse o movimento. Logo após o segundo encontro, o casal já firmou um compromisso mais durável, e em pouco tempo estavam namorando, o que revela que a partir de um encontro fortuito e potencialmente transitório pôde se construir uma relação estável e duradoura. O exemplo seguinte retrata uma situação inicial de encontro do casal de certa maneira antagônica em relação ao que acabamos de relatar:

“Eu a conheci no curso de crisma lá da paróquia, e por acaso, eu era um dos agentes da equipe, e ela era crismanda. E aí fiquei interessado, esperei, claro, o curso acabar primeiro para poder fazer um contato. Foi na Igreja. Eu falei com uma amiga dela, a gente arranhou de ir ao cinema, e aí a gente começou a sair, foi se conhecendo, até que um dia, eu pedi ela em namoro. Ela aceitou e estamos juntos há quatro anos”. (Márcio)

O primeiro encontro ou contato de Márcio e Júlia aconteceu numa igreja, onde prevalece um universo de valores morais, notadamente mais conservador do que em outros cenários. Principalmente, se pensarmos no exemplo anterior, do casal Priscila e Gustavo, temos uma situação inicial antagônica no que se refere às possibilidades de aproximação do casal. A posição de orientador do homem e de aluna da mulher, no curso de crisma, é salientada na fala dele, remetendo a uma relação assimétrica, a qual, em um ambiente como o que eles se encontraram, exige certa precaução. Márcio afirma, então, que esperou o término do curso para se aproximar de Júlia, o que demonstra sua preocupação em não iniciar a relação dentro do ambiente da igreja, e enquanto ele fosse seu professor no curso. E, em seguida, reforça em sua narrativa o fato de ter conhecido sua namorada na igreja, o que remete a todo um campo de significados que uma relação amorosa despertada em um espaço religioso suscita para ele. A aproximação e o interesse

⁷ O interessante da prática do “ficar”, caracterizada normalmente por uma natureza efêmera e flexível e até por uma certa exaltação do anonimato, é que ela funciona também como uma espécie de exercício de experimentação erótica e sentimental entre pessoas, que pode corresponder a um momento de transição entre o primeiro contato e uma relação mais duradoura.

recíproco do casal acontecem, então, de forma gradativa, depois que começam a sair juntos. Da mesma forma que com o casal anterior, estabelece-se uma relação duradoura, a despeito do primeiro contato ter acontecido em contextos tão díspares. Um ponto importante é que o primeiro encontro do casal é intermediado por uma amiga de Júlia, a quem Márcio recorre, pedindo ajuda para “arranjar” a saída dos dois. Essa questão da mediação por terceiros dos encontros amorosos será o próximo assunto que discutiremos.

Um dos pontos interessantes e comuns de alguns desses encontros foi o fato de serem mediados por amigos ou parentes, que constituíram uma espécie de ponte entre os futuros namorados. Alguns exerceram o papel de facilitadores da aproximação inicial, e outros simplesmente funcionaram como meio de acesso de um para o outro. Esse ponto nos parece relevante já que a mediação de encontros amorosos por pessoas externas ao casal é um traço que caracterizava os relacionamentos amorosos tradicionais. A forma, porém, como esse papel foi realizado entre o grupo pesquisado difere bastante do que ocorria há algumas décadas. As estratégias para aproximar os casais, descritas nas entrevistas, têm como característica fundamental o aspecto da espontaneidade, em detrimento do planejamento. Mesmo quando a intenção de aproximar parte do mediador anteriormente ao encontro, ela tende a ocorrer de maneira natural. O que move o mediador não é a vontade de escolher um parceiro para alguém próximo, mas de contribuir ou facilitar um encontro que pode resultar numa união amorosa, mas que depende, sobretudo da vontade individual dos possíveis futuros parceiros:

“Ele é amigo do namorado de uma amiga minha, eu estava solteira, ele também, e eles ficaram falando que a gente tinha tudo a ver, que a gente tinha que se conhecer. Eu esnobei... A gente se conheceu, e eu continuei esnobando. Demoramos um pouco para ‘ficar’, e depois que ficamos, começamos a namorar”. (Sabrina)

Nesse trecho da entrevista da Sabrina fica claro que, embora o encontro com o seu namorado tenha sido promovido ou facilitado por um casal de amigos, a escolha pela formação do vínculo do casal partiu do próprio par. Além disso, o sucesso dessa apresentação inicial mediada pelos amigos dependeu, nesse caso, de uma prática de aproximação específica, como a representada pelo ato de “ficar”,

que pode implicar ou não em um comprometimento futuro. Com outro casal, a questão da mediação foi ainda mais fundamental para o sucesso da união do casal:

“Ela é irmã de uma amiga minha que trabalhou comigo. A gente se conheceu em shows em que a irmã dela trabalhou; em alguns ela trabalhou também. Depois, ela foi para o mesmo escritório que eu estava, mas eu a encontrava mais em shows. Depois de muito tempo, eu estava no MSN, e encontrei a irmã dela, que me passou o MSN dela, e começamos a nos falar. Ela estava com a perna quebrada, fomos nos encontrar aqui perto e começamos a namorar direto”. (André)

A narrativa de André revela novamente a importância que o papel do mediador pode ter na facilitação do encontro amoroso. Mesmo ou até principalmente em uma situação de distância física como é o caso do contato por meio da Internet. Paula, namorada de André, explicita em sua fala o quanto essa situação foi incomum:

“Fui atropelada por uma bicicleta e quebrei a perna. Com isso tive que ficar dois meses sem pôr a perna no chão. Eu não saía quase de casa porque só podia andar de muleta e cadeira de rodas. Como eu ficava o dia inteiro em casa, estava direto no MSN, e encontrava minha irmã que mora na Suécia, on-line. Um dia ela me falou que o André tinha terminado com a namorada e que estava perguntando por mim. Ela contou que eu também tinha terminado o meu namoro, e me disse que ele pediu para ela ‘botar pilha’. Ela passou o meu contato, mas não quis ‘botar pilha’. O André me adicionou, começamos a conversar, e ele investiu. Foi em um aniversário de um amigo que nos encontramos e já começamos direto. O engraçado foi quando eu contei para as pessoas que eu estava namorando, e todos perguntavam: ‘mas você não estava com a perna quebrada, sem sair de casa, e arrumou namorado?!’ Isso já tem quase três anos”. (Paula)

Como nem Paula, nem André tinham a intenção de encontrar um par através da Internet, sem a intermediação da irmã dela, com quem André tinha uma amizade, seria improvável que em uma situação como a que Paula vivia, de não poder sair de casa, a aproximação ocorresse. Após uma série de contatos via Internet e telefone, os dois se encontraram, somente para selar a união. O papel do intermediador foi desempenhado de forma espontânea, sem planejamento. A estratégia de uso da mediação, nesse caso, partiu não do próprio mediador, mas do homem, que já nutria um interesse anterior pela futura namorada. Outro casal

também se conheceu através da ajuda da irmã da mulher, em uma situação mais casual, em que a mediação também foi importante para o contato:

“A gente se conheceu ali no Jóquei, num show do Capital Inicial, há cinco anos. Eu conhecia a irmã dela, a Carla, que eu encontrei por acaso lá. A Luiza estava junto, gostei dela e pedi para a Carla me apresentar. Aí a gente ‘ficou’ e depois de um tempo começamos a namorar”. (Marcelo)

“Eu fui a um show com uns amigos e a minha irmã. A gente curtiu o show e no final, quando já estávamos saindo, o Marcelo chegou para falar com a minha irmã; ele era monitor dela. Ele me viu e quis ficar comigo, e a minha irmã apresentou a gente”. (Luiza)

Pelo relato do casal Luiza e Marcelo, o encontro casual entre a irmã dela e ele, em um show, foi o que permitiu que o casal se interessasse à primeira vista. Nesse caso, embora prevaleça uma situação de eventualidade, o homem encontra no mediador um facilitador da aproximação. Com um quarto casal, a situação foi diferente pelo fato de que nem a pessoa que apresentou o casal, nem o próprio casal no momento da apresentação, tinha qualquer intenção de que dali se constituísse um relacionamento amoroso:

“A gente se conheceu através de uma amiga dela, que trabalhava comigo, saindo à noite em barzinho. Na época, eu acho que ela estava namorando. Depois de algum tempo nos encontramos novamente em uma festa, tipo ‘happy hour’, e a partir daí começou. Nós ficamos a primeira vez, e mais ou menos seis meses depois começamos a namorar”. (Ricardo)

Com esse casal, embora a primeira interação tenha ocorrido por intermédio de uma amiga em comum, o interesse por uma relação afetiva surgiu posteriormente. O fato de o namorado ter sido apresentado por uma pessoa próxima, uma amiga de infância, é ressaltado na fala da mulher:

“A gente tem uma amiga em comum, uma menina que estudou comigo, desde o colégio, que é minha amiga de infância. Eles trabalhavam juntos no Senac. Um dia, fomos juntos a um barzinho e nos conhecemos lá. Mas na época eu namorava outra pessoa e ele também. Só depois de um tempo, quando estávamos solteiros, nos reencontramos e passamos a sair juntos”. (Letícia)

A amiga é apresentada como um elo de ligação entre o casal, sendo que sua imagem é associada a relações importantes para a vida dos indivíduos: a amizade e o vínculo no trabalho. O fato de os dois estarem namorando no momento da apresentação mostrou-se implicitamente, na fala da mulher, como um fator que afastou a possibilidade de qualquer envolvimento imediato, o que remete à questão da fidelidade amorosa, que será aprofundada no próximo capítulo.

Através da apresentação dos trechos das entrevistas mencionados, pretendemos revelar um pouco da natureza de nosso trabalho, tanto quanto apontar todo o manancial de questões que podem ser suscitadas por uma pesquisa, que utiliza material produzido pela subjetividade de pessoas e pares amorosos, e assim, tornar mais transparente esse universo. No capítulo seguinte, abordaremos questões centrais de nossa pesquisa, e que nos ajudarão a concluir e responder às hipóteses com as quais trabalhamos.